

1984 - GEORGE ORWELL

- Resenha -

Por Lourivaldo Borges da Silva¹

ORWELL, George. **1984**. Trad. Alexandre Hubner; Heloisa Jahn; posfácio Erich Fromm, Bem Pimlott, Thomas Pynchon - São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

1984 é o último romance escrito por George Orwell, pseudônimo assumido por Eric Artur Blair (1903-1950), escritor de origem indiana e educação tradicional inglesa, responsável pela criação, magistral, desta que é uma das obras mais importantes do século XX. Escrito nos últimos anos de vida e publicado em 1949, alguns meses antes da morte de Orwell, 1984, com 65 traduções, está entre os 10 livros mais traduzidos de toda história. A edição da Companhia das Letras, do ano de 2009, tem tradução de Alexandre Hubner e Heloisa Jahn e ainda traz os posfácios de Erich Fromm (1961), Bem Pimlott (1989) e Thomas Pynchon (2003).

A história se passa em uma Londres que não pertence mais à Inglaterra e sim à Oceânia, uma das três nações que vivem em constante guerra. O aparelho ideológico do Estado tem como lema “Guerra é paz, Liberdade é escravidão, Ignorância é força.”, todos os participantes do Partido são controlados através de um mecanismo tecnológico de vigilância, as “teletelas”, e de espiões, treinados para delatar qualquer atitude suspeita ou qualquer desvio de conduta, até as crianças eram treinadas para serem espiões do partido.

“O GRANDE IRMÃO ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ”, esse era o aviso estampado em vários cartazes por toda a cidade. O grande irmão era um ditador cruel, líder mor do partido INGSOC. Ele estava no topo da pirâmide social da Oceânia. Os “proletas” eram obrigados a amá-lo e conviviam com sua figura estampada nos cartazes pela cidade avisando a todo momento que todos eram vigiados.

O governo da Oceânia era dividido em quatro ministérios: Ministério do Amor que era responsável pela espionagem e o controle da lei e da ordem; o Ministério da Pujança, esse era responsável pela economia; o Ministério da Paz, responsável pela

¹ Graduando do Curso de Filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

guerra e o da Verdade, responsável pela imprensa e, acima de tudo, responsável pela alienação e pela falsificação de documentos, assim reinventando a história de acordo com a vontade do Partido. Esse governo totalitário se afirmava e matinha seu poder a partir de uma pirâmide social bem definida. No topo estava o ditador e onipotente Grande Irmão (Big Brother), mais abaixo os membros do partido e no final da pirâmide os proletas que viviam abandonados, passando fome, entorpecidos pela bebida e distraídos por atrações toscas e sem conteúdo reflexivo.

A história é contada a partir das angústias e das experiências de Winston Smith, um funcionário do Ministério da Verdade, que ao longo do livro vai indignando-se e rebelando-se contra o governo opressor. Winston, assim como todos do partido, era controlado por todos os lados, tinha obrigação de se apresentar a teletela a todo momento, em casa, no trabalho, além de ser abordado por agentes nas ruas se estivesse fora do horário previsto de estar em casa. No fundo de seus pensamentos Winston mantinha acesa uma chama de subversão, contida, mas que pouco a pouco foi tomando conta de sua vida.

Na primeira parte do livro, o autor retrata o início da revolta de Winston. Ele, como trabalha no Ministério da Verdade, onde tem a função de reescrever a história de acordo com a vontade do Partido, se vê constantemente indignado com a opressão e o totalitarismo praticado pelo governo. Winston fica revoltado, pois se vê reescrevendo histórias, como a de pessoas que existiam há pouco tempo e pouco depois não existia mais. Até a língua antiga estava sendo constantemente em mudança, dando lugar a “novalingua”, para causar mais confusão e facilitar a manipulação da história. Isso o deixava com um caráter cada vez mais contestador, mesmo sabendo que isso é uma falta grave, configurando o “crimeideia”, que é passível de morte.

Mesmo sabendo que era vigiado e que a polícia do pensamento poder-lhe-ia lhe flagrar a qualquer momento, ele usava de artifícios para burlar o monitoramento estatal. Por sorte a teletela do seu apartamento estava em uma posição que não dava conta do todo e Winston aproveitou para começar a fazer uma das coisas mais perigosas para aquele regime, registrar suas memórias e lembranças em um diário comprado em uma loja que ele, como membro do partido, sequer poderia frequentar.

A partir daí as subversões de Winston aumentam em grande escala, pois consegue se aproximar de Julia. Após a ida a um antiquário e descobrir que era uma área não tão vigiada pelo partido, Winston acaba desconfiando de uma moça que o seguia, era Júlia. No dia seguinte ele cruza com ela e a moça em um movimento rápido, desvia

do foco da teletela e entrega um bilhete para Winston escrito “Eu te amo”. Desse momento em diante os dois passam a se ver constantemente às escondidas, burlando a lei do Estado que impedia que o sexo fosse praticado se não fosse para procriação.

Quando o caráter revolucionário e contestador de Winston está formado e ele já planeja outras ações, vê-se traído pelo recém amigo O’Brien, que fingira de agente duplo e membro da resistência ao partido, inclusive ofertando a Winston uma de Emmanuel Goldstein, grande opositor do Partido, que sempre aparecia falando do partido nos dois minutos de ódio, uma espécie de momento de afirmação dos filiados. A figura de Goldstein era a figura contestadora que só aparecia naquele pequeno momento. Mas, como os partidários eram tão assujeitados e estavam em constante vigilância, execravam essa figura, sem prestar atenção nas verdades que ele dizia, todos eram compelidos a ofender e execrar Goldstein, para manter suas posições no Partido e não serem acusados de traição.

O desfecho do livro é um dos pontos altos dessa magnífica obra, pois é o momento em que o autor descarrega toda sua energia criativa, fazendo o leitor entrar na história, através das angústias e medos de Winston. O’Brien fingindo-se de amigo, ludibriou Winston e Júlia, levando-os a caírem em uma armadilha, sendo separados e depois torturados na sala 101. É o momento mais angustiante da obra, pois o autor através de sua escrita contundente transporta os leitores à sala 101, “obrigando-os” a presenciar as cenas de tortura psicológicas aplicadas por O’Brien, aquele mesmo que se fingiu de amigo. Como Winston, ele destilou sua crueldade através do medo mais profundo do protagonista da história que era o pavor por ratos. O’Brien ainda tripudiava dizendo a Winston que os ratos iam “se lançar sobre o seu rosto e começariam a devorá-lo. Às vezes atacam primeiro os olhos. Às vezes abrem caminho pelas bochechas e devoram a língua” (ORWELL, 2009, p. 332). Tomado pelo pânico, Winston após resistir às torturas de O’Brien, não conseguiu resistir ao pavor causado pelos ratos e acabou se traindo e traindo a Júlia, gritando desesperado que a colocasse no lugar dele, para que os ratos devorassem o rosto dela. A partir daí ele sentiu se afastando dos ratos e, finalmente, O’Brien conseguiu o que queria, moldar Winston e roubar dele todo e qualquer tipo de rebeldia. Winston termina a história conformado, afirmando que $2+2=5$ sem nenhum problema e amando o Grande Irmão.

A obra tem uma linguagem apurada a estrutura clássica de um romance. Para exemplificar melhor e entender um pouco mais dessa deleitosa ficção é preciso entender

algumas características formais dessa obra, vamos nos deter em fazer um breve comentário sobre o caráter distópico, o gênero romanesco Realista.

Uma característica bem marcante da obra de Orwell é o caráter distópico da obra e da própria sociedade em que a história é ambientada. Segundo o dicionário Priberam da Língua Portuguesa, distópica é a ideia ou descrição de um país ou de uma sociedade imaginários em que tudo está organizado de uma forma opressiva, assustadora ou totalitária, por oposição à utopia.

Partindo para a parte mais estrutural do romance, podemos perceber que, Orwell coloca em seu texto uma linguagem com características marcantes do romance realista, elaborando personagens que ora são personagens e ora, através do discurso indireto livre, também contam a história.

James Wood em sua obra “Como funciona a ficção” de 2011 nos ajuda a entender melhor os caminhos para o entender a ficção. Para ele, existem várias formas de contar uma história, o mais comum é contá-la a partir da primeira ou da terceira pessoa, a ideia do senso comum é que há uma diferença entre a primeira e a terceira pessoa em que, a primeira pessoa é uma narração não confiável, pois muitas vezes sabe menos de si de que o leitor pode ter acesso, e que a terceira pessoa que teria (onisciência) que seria a narração confiável.

Wood (2011) ainda observa que quando se é contada uma história através de um personagem, a narrativa se concentra em volta do personagem, dando a entender que, quer se fundir com ele compartilhando segredos, assim se tornando um estilo indireto livre, que é caracterizado pela falta de sinalização do autor ao dar a palavra ao personagem, afastando o discurso do romancista, então podendo ver as coisas através da linguagem e dos olhos do personagem, não se afastando da linguagem e do olhar do narrador, mas mantendo certa distância que, por muitas vezes pode até sumir, fazendo a voz narrador dar lugar para que o personagem se apodere da narração. Como ser completamente onisciente se o autor não dá conta de tal empreita? James Wood nos esclarece dizendo que, para resolver essa questão de acompanhar as percepções e os pensamentos, que geralmente é determinado pelo estilo livre indireto e pela apresentação do detalhe, que, tenta realmente instaurar a onisciência, já que se entende que, pelo detalhe estaríamos tomando uma posição que esteja “[...] presente em toda parte e visível em parte alguma” assim disse Flaubert.

A narrativa moderna deve muito à Flaubert, segundo Wood (2011, p.) esse é o escritor que reúne todas as características importantes para um bom autor que é: estilo,

discurso indireto livre e detalhe. O argumento para confirmar essa afirmação tão contundente, Flaubert entende que, “[...] a arte é a segunda natureza, o criador dessa natureza deve operar com procedimentos semelhantes: que se sinta em cada átomo, em cada aspecto, uma impassibilidade oculta, infinita. O efeito no espectador deve ser uma espécie de assombro.” Misturando o detalhe habitual e o detalhe dinâmico Flaubert aperfeiçoou a técnica que é de extrema importância para a narrativa realista, já que com o detalhe podemos aproximar a ficção do real. Através da maestria em lidar com o detalhe Flaubert é o autor que mais se aproxima de uma onisciência, sendo inspiração de vários autores modernos.

James Wood (2011) ainda nos ajuda a entender que a literatura nos faz perceber melhor a vida, ao praticar essa percepção de mundo que, nós podemos ler melhor a literatura, assim nos fazendo observar melhor as nossas vidas, ou seja, ao ler a literatura para perceber melhor os detalhes da vida e ao perceber esse detalhe, lemos melhor o romance nos dando condição de refletir e ler melhor a vida, isso que torna a ficção tão próxima da realidade. Flaubert nos faz notar que também temos uma vida cheia de detalhes e que escolhemos entre tantos detalhes os que realmente nos importa, ou nos é realmente importantes no momento. A missão do autor é descrever os detalhes de uma forma em que aproxime o leitor de uma forma mais interessante tentando colocar detalhes que seriam quase imperceptíveis em meio a detalhes que realmente vai tocar o leitor, assim o conectando mais intimamente à ficção. Por muitas vezes o que pensamos que é irrelevante pode fazer parte do essencial para captação de benevolência do leitor.

O romance é uma construção complexa que depende de vários fatores, para que se possa realmente transcender no tempo. Uma das partes essenciais dessa construção é o personagem que, James Wood não entende apenas como “o personagem do romance”, existem na verdade vários tipos de pessoas que às vezes são redondas, outras profundas, outras plana e que essas pessoas fazem parte de uma vida, forjada pelo autor e as vezes evocadas com realismo. O bom personagem nos faz ficar intrigados por saber que ele é fictício e mesmo assim julgá-lo como real. Mesmo os personagens que achamos que são “solidamente realizados” ao investigá-lo melhor, notamos que ele não é tão sólido como parecia. O grande desafio do autor é instaurar o caráter do personagem, assim dando realmente um sopro de vida ao mesmo, forçando o leitor a interagir, imaginar soluções, ou decisões que o personagem supostamente tomaria em outra ocasião dentro ou fora do romance, nos prendendo à trama e nos fazendo aprender com o romance, coisas que nos façam ver a vida de outras perspectivas. Nesse sentido Orwell é espetacular.

Não se pode deixar de comentar sobre o teor profético da obra de Orwell, pois através da sua linguagem ousada, ele conseguiu prever fatos que estão acontecendo e que ainda vão se intensificar com o advento do avanço tecnológico.

Mesmo que de forma velada, já vivemos em mundo onde somos de várias maneiras controlados e temos nossa liberdade cerceada e vigiada. Uma das formas modernas de controle e vigília são as redes sociais, aplicativos, câmeras de vigilância etc.

A sociedade em que estamos inseridos pode ser diferente da que Orwell relata na sua ficção, mas vivemos como os proletas, invés de estarmos sendo oprimidos pelo Partido, somos obrigados a conviver e nos submeter ao crescimento desenfreado do capitalismo e seus mecanismos de alienação.

Dufour (2001, p. 1-8) observa esses mecanismos e indaga se estamos “Rumo ao ‘capitalismo total’?”. O autor ainda pontua que o neoliberalismo é responsável pela fabricação do sujeito moderno, não crítico. Através das reformas democráticas, enfraquecendo o poder crítico da educação, através de inclusão maciça de publicidade agressiva, evasiva e onipresente nos diversos meios de comunicação, no mercado fonográfico, privilegiando músicas de teor fútil e sem uma argumentação lógica ou reflexiva, invadida pela publicidade de bebidas, carros etc. Tentando vender um modo de vida totalmente fútil e sem experiências significativas e ou reflexivas para a construção crítica do indivíduo. Assim nos empobrecendo de experiências significativas.

Tendo em vista a noção de Experiência de Larrosa, percebe-se a necessidade de deixar de lado a obsessão pela informação que, priva a possibilidade de enveredarmos pelos caminhos da Experiência. Larrosa (2002, p.21) pontua que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. Vivemos em um mundo onde as formas de produção do capitalismo ditam regras sobre o nosso tempo exigindo, cada vez mais, que sejamos dotados do máximo de informação possível.

Só através da educação reflexiva que podemos nos manter livres para saber escolher e não ser apenas levado pelas armadilhas do mercado. Assim se livrando do perigo que é ser manipulado por qualquer sistema totalitário.

Não podemos ser a infantaria do mercado, retomando aqui o conceito antigo de infante que:

Etimologicamente [...] deriva do verbo latino fari, “falar”. O particípio presente desse verbo é fans, significando “o que fala” ou “falante”; com o prefixo negativo in, forma-se infans, com o significado de “o que não fala” ou “o não-falante”. Assim, quando o espelho de príncipe constitui o infante como

seu principal destinatário, pressupõe duas coisas também principais ou próprias do príncipe: o infante é o que ainda está sendo criado – “criança – por isso ainda não fala, por razões próprias da idade; ao mesmo tempo, e essa é a diferença que distingue a criança real das outras, o infante é aquele que um dia estará autorizado a falar o direito, que é atribuição do rei, ditando-o para toda a sociedade (HANSEN, 2006, p.133-4).

Implantar o conceito “infante” se faz necessário para caracterizar o estudante que, por não receber uma formação que privilegie a experiência fica caracterizado como o que não fala, mas diferente do “infante”, descrito por Hansen (2006), que não fala porque ainda está sendo formado para falar e governar, o indivíduo moderno é formado, apenas, a partir de informações rasas tendo assim o direito de opinar por uma exigência do mundo moderno onde,

Esse “opinar” se reduz, na maioria das ocasiões, em estar a favor ou contra. Com isso, nos convertemos em sujeitos competentes para responder como Deus manda as perguntas dos professores que, cada vez mais, se assemelham a comprovações de informações e a pesquisas de opinião. Diga-me o que você sabe, diga-me com que informação conta e exponha, em continuação, a sua opinião: esse o dispositivo periodístico do saber e da aprendizagem, o dispositivo que torna impossível a experiência” (LARROSA, 2002, p. 23).

Como não podemos nos enquadrar como o “infante” descrito por Hansen (2006), sendo aqueles que não falam, mas estão destinados a falar e governar em um futuro próximo, proponho, no momento, entendermos o perigo que é esse mundo moderno voltado à obsessão pela informação, pois ao entendermos esse perigo, não nos arriscamos a tornarmos massa de manobra, ou seja, uma espécie de “infantaria” a serviço dos meios de produção capitalista. Formando assim, um exército de pessoas mal formadas que ficam felizes em estarem informadas e opinarem por pura conveniência, mas que não são tocadas por experiências que possam mudar algo em suas vidas.

Tendo em vista a noção de Experiência de Larrosa, percebemos que:

Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo, pode ler-se outro componente fundamental da experiência: sua capacidade de formação ou de transformação. É experiência aquilo que “nos passa”, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação (LARROSA, 2002, p. 25-6).

Para concluir é preciso fazer uma “parada estratégica”, refletir o quanto esse mundo moderno, em que o tempo está relativizado e a reflexão ou o ócio é desvalorizado, pode nos moldar e nos cercear da nossa liberdade, o quanto nossas experiências são roubadas em troca de vivências efêmeras, através de mecanismos que nos aprisionam na armadilha do consumo e acabam nos deixando entorpecidos, atônitos e conformados

com o que está posto. A obra de George Orwell nos proporciona esta “parada estratégica”, pois através da sua linguagem, mesmo que seja perturbadora para alguns, mas que nos mergulha em um mundo ficcional repleto de experiências, nos transportando para a realidade e nos mostrando o quão é perigoso qualquer tipo de totalitarismo.

Referências

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413-2478. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em 12/03/2016.

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/distopia> [consultado em 17-03-2016].

DUFOUR, D. R. *Rumo ao ‘capitalismo total’?* Disponível em: <http://diplo.org.br/2001-11,a121> Ano 2, número 22: novembro de 2001. Acesso em 14/03/2016.

HANSEN, J. A. Educando príncipes no espelho. In: *Floema Especial* – ano II, n. 2 A, p. 133-169, out. 2006.

ORWELL, G. 1984. Trad. Alexandre Hubner; Heloisa Jahn; posfácio Erich Fromm, Bem Pimlott, Thomas Pynchon - São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

WOOD, J. *Como funciona a ficção*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.